

JÚLIO DANTAS

SÓCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA DAS SCIÊNCIAS DE LISBOA

D. Beltrão de Figueirôa

COMÉDIA INGÉNUA, AO GOSTO DO SÉCULO XVII

TERCEIRA EDIÇÃO



EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERARIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

D. Beltrão de Figueirôa

*Comédia em um acto, representada pela primeira vez no antigo teatro
D. Amélia, em 31 de maio de 1902*

EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
Rua dos Retroseiros, 125 — LISBOA
TYP. DA EMPR. LIT. E TYPOGR.
Rua Elias Garcia, 184 — PÔRTO —

MCMXVI

JÚLIO DANTAS

SÓCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

U440004712

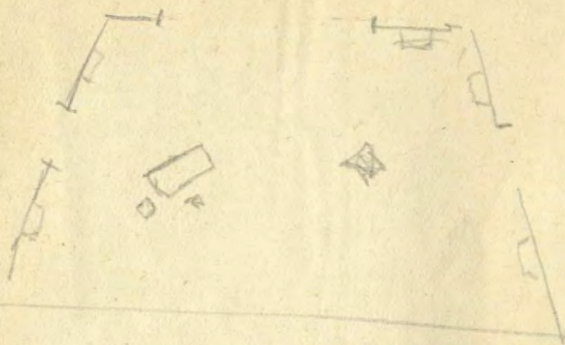
D. Beltrão de Figueirôa

COMÉDIA INGÉNUA, AO GÔSTO DO SÉCULO XVII.

TERCEIRA EDIÇÃO



EDITÔRES — SANTOS & VIEIRA
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA



FIGURAS

<i>D. Beltrão de Figueirôa.</i>		CRISTIANO DE SOUZA
<i>O Marquês primo de Celimena.</i>		CHABY PINHEIRO
<i>Frei André.</i>		HENRIQUE ALVES
<i>Celimena, preciosa</i>		LUCÍLIA SIMÕES
<i>Dorotea, dueña</i>		LUCINDA SIMÕES

Em casa de *Celimena*. — Século xvii.

D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA

Um interior fidalgo do século xvii. — Tapeçarias. Pinturas sacras. — Bufete. — Livros. — Tamboretes. — Velhas faianças espanholas. — Na sombra, a nota severa dum grande armário holandês. — A meio da scena, uma enorme cadeira fradesca, de alto espaldar de couro lavrado. — Sôbre um pequeno escâno, nas dobras dum velho damasco amarelo, um cofrezinho de prata. — Um violoncelo. Um violino.

CELIMENA, sentada ao bufete, a ler, entre livros. — DOROTEA, ao fundo, sòzinha, ensaiando os passos duma pavana rial.

CELIMENA, declamando com solenidade

*Liquisse Parnassum et juga frondea
Phæbum et sorores cerno Heliconides...*

DOROTEA, atravessando a scena em passinhos de pavana

Menina?

CELIMENA

Não é contigo. (Voltando-se e vendo Dorotea a dançar) Que estás tu a fazer?

DOROTE

São os passos da pavana, que a menina me ensinou. (*Segurando as ilhargas da saia, em pulinhos cómicos*) Primeiro êste pé... Depois êste... Muita graciosidade... A cabeça alta... (*Dançando e acompanhando-se, num velho estilo de pavana*)—*Tra-la-ra... Tra-la-ra...* — Pois não é assim, menina?

CELIMENA, *distraída, lendo*

É.

DOROTEA

Se o primo marquês quisesse dançar hoje comigo...

CELIMENA, *embevecida na leitura**Phæbum et sorores cerno Helionides...*

— Como isto é belo, Dorotea! Tu não percebes. Mas é do melhor poeta da Academia dos Singulares...

DOROTEA, *desvanecida, olhando CELIMENA*

O que a menina sabe! Até sabe latim! Se fôsse minha filha, era coisa que não lhe tinha ensinado... Jesus! Lá diz o outro: «Mulher que sabe latim, e...»

CELIMENA, *gravemente*

A mulher deve saber tudo quanto os homens sabem.

DOROTEA, *tapando a cara, num sincero pudor*

Ai, credo, menina! Não diga isso diante de gente! Tudo...? Oh! Oh! — Lá cantar... E tocar harpa... E rabeca... Dançar o minuete... E a pavana... Sobre tudo, dançar... Dançar... (*Não podendo conter-se e atravessando de novo a scena em pulinhos de pavana rial*) — Tra-la-ra... Tra-la-ra... — Eu então, se pudesse, estava sempre a dançar...

UM CRIADO, *numa grande mesura, assomando ao fundo*

Entrou um côche no pátio.

DOROTEA

Um côche?

CELIMENA, *ao criado*

Veja quem é.

O CRIADO, *imperturbável*

Um fidalgo e um frade.

CELIMENA, *a DOROTEA, que se encaminha para o fundo*

Vê tu, Dorotea...

DOROTEA, *voltando, imediatamente*

O frade é Frei André, que foi mestre da menina...

CELIMENA

Frei André...? — E o fidalgo?

O CRIADO

O fidalgo não desceu do côche.

CELIMENA, *ao criado*

Pergunte a que veem, e o que quer o frade.
(*A Dorotea*) Trazê esse cofre para o meu toucador,
Dorotea.

DOROTEA, *com um lindo cofre de prata na mão,*
saído com CELIMENA pela E. baixa

É capaz de ser recado do primo marquês. Talvez
não venha hoje.

FREI ANDRÉ, *ao criado*

Diga que é Frei André, violinista, cantor da
capela rial e expositor da poética de Aristóteles, que
deseja falar à dueña da menina.

CELIMENA, *aparecendo à porta*

Frei André...

FREI ANDRÉ

Oh! Celimena...! Como vai a mais preciosa
das preciosas? (*Escondendo a mão, que Celimena
quere beijar*) Então... Então...

DOROTEA, *numa mesura*

Reverendo...

FREI ANDRÉ

Minha dona... (*O criado oferece um tamborete ao frade, e sai*) Eu vinha em demanda do senhor marquês, mas já soube que não tinha ainda chegado do paço.

CELIMENA

Não. Ainda não chegou.

DOROTEA, *num risinho*

Frei André veio hoje em côche rico... Gostei de o ver.

FREI ANDRÉ, *com um grande ar*

É verdade. Desmenti a humildade franciscana! Que diria frei Salizanes, Geral da Ordem! Mas, emfim... Eu sou um frade de côrte... Sou um frade artista! Deixei os alforjes de filósofo, e gosto de praticar a poética de Gôngora, de bastão de ouro e capuz de sêda! — Celimena tem lido o seu Platão?

CELIMENA, *que trouxe um espelho de mão e uma bocetazinha de ouro lavrado, e vai pondo na face pequeninos sinais de tafetá*

Pouco. Muito pouco. Eu podia ler em latim, na vulgata... Mas, só pela dificuldade, estou-o lendo em